



O Xerife

Giddings, Texas, 1887

Todo mundo que se estabeleceu em Giddings, Texas, apenas passava, tinha segredos que estavam escondidos, ou estava fugindo.

O Xerife Greydon Jefferies só esperava que Lorella Constance não estivesse correndo de um grande problema, porque ele estava de olho na senhorita Lorella há muito tempo e ele estava planejando estabelecer suas botas debaixo da cama dela.





Capítulo Um

Giddings, Texas, 1887

Greydon Jefferies olhou para o corpo morto a seus pés.

Merda duas vezes.

Ele tirou o chapéu preto e passou seu braço sobre a testa. O tempo no Texas era intolerável na melhor das hipóteses, e na pior das hipóteses, era como a Cozinha do Inferno. Estavam em agosto, na parte central do Estado.

— Parece que um dos meninos de Cooper, — Murphy, o sub-xerife

disse, cuspiendo uma longa corrente marrom de tabaco para o lado.

Moscas zumbiam ao redor do corpo, que obviamente tinham deitado fora durante a noite, por trás dos currais da cidade.

Giddings, Texas era uma parada final para muitas pessoas. Novos imigrantes vindos da costa, recém-chegados ao grande estado do Texas, passavam a caminho da capital, em Fort Worth, a Abilene, ou San Antonio. Giddings era principalmente uma passagem para todo e qualquer lugar. Poucos ficavam mais e alguns, obviamente, não tinham escolha.

— Cooper vai ficar puto, xerife. Você o conhece. Ele vai culpar a gangue Strippen e, em seguida, todo o inferno vai libertar-se.

Greydon ignorou as palavras de seu sub-xerife.

— Porque você acha que ele está com Cooper? Qualquer idéia de quem ele é?

— Não.. Só o vi com dois de Cooper há alguns dias atrás.

— Então, por tudo o que sabemos — , disse ele, olhando por cima do ombro para a rua lentamente surgindo através dos edifícios à beira da rua — , ele poderia ter .. .

— Caído do cavalo e batido com a cabeça?

Greydon levantou uma sobrancelha para o seu sub-xerife não o mais brilhante jovem.

— Murphy, ninguém cai de seu cavalo e recebe uma bala no peito.

— Acho que não, xerife.

Greydon suspirou e balançou a cabeça. — Basta dizer que ele foi

baleado após o salão ter fechado.

Quem diabos sabe.

— Eles não vão aceitar.

— Você sabe de fato que ele estava com Cooper?

Murphy deu de ombros.

Greydon se virou e olhou para baixo, notando pela primeira vez a pegada ao lado do edifício onde ele estava. Não era uma impressão grande. Pequeno, de fato, muito pequeno para um homem, ou qualquer homem que ele conhecia. Ele olhou para o de Murphy, notou que seu próprio era grande. Quem diabos estava brincando com ele?

— Alguma das meninas de Maggie estiveram aqui fora na noite passada? — , Ele perguntou, olhando do outro lado da rua para o bordel.

Murphy olhou para cima. — Eu não sei, provavelmente. Por quê?

— Ele não era um de Cooper, Murphy. Ele estava jogando muito bem na última noite no Shoe. Saí antes do jogo terminar. Acho que eu deveria ter ficado um pouco mais. Ele é apenas um jogador de passagem. Nós vamos descobrir quem era ele, mais cedo ou mais tarde.

Murphy franziu a testa.

— Ok, mas por que você está preocupado com uma mulher, xerife?

Greydon manteve suas idéias para si mesmo. Ele olhou para a pegada, perfeita, estreita e pequena. A partir do ângulo ... huh. Ele pensou na situação na sua mente. Talvez ela apenas tenha estado aqui antes da tempestade. Não, já tinha chovido dos lados da impressão, o que ficou mais profundo devido à

lama. No entanto, não havia outra pegada. Teria ela apagado as pegadas, ou a chuva as apagou? A única razão que ele assumiu por que não tinha sido molhado, era porque estava diretamente contra a parede, a uma ligeira inclinação longe da beirada.

Uma mulher.

Uma amiga ou uma inimiga?

Ele se levantou e fungou, a chuva felizmente esfriava as coisas lá fora. Bem, era o seu trabalho tentar manter a lei e a ordem nesta cidade. Ele o faria.

Seu estômago roncou.

Tempo de seguir em frente para a senhorita Lorella.

No pensamento da mulher, seus longos cabelos escuros caindo de sua trança, como sempre, seus grandes lábios carnudos sorrindo, seu estômago não era a única coisa que tomou conhecimento de onde ele estava - ou melhor, não estava.

Um dia muito em breve, ele estaria na cama da senhorita Lorella.

Essa era uma mulher que ele queria. E ele a teria.



Lorella Constonce encheu a caneca com mais café. Ela teve quatro viajantes hoje, mais quatro pessoas para alimentar e hospedar, para limpar depois.

Não que ela se importasse, ela pensou, passando o antebraço sobre sua testa. A cozinha estava quente e não era nem o meio da manhã.

Uma imagem escura e aterrorizante da noite anterior subiu em sua mente de dois homens que lutavam em meio à tempestade.

Lorella empurrou-a fora e se perguntou como o inferno ela deveria passar hoje depois do que tinha acontecido na noite passada.

Suas mãos tremiam quando ela pegou os ovos em uma das bandejas e, em seguida, mergulhou os biscoitos no molho.

Ela estava muito ocupada.

Ela não tinha tempo de se abalar.

Ela fez uma pausa e olhou pela janela, a cortina esvoaçante flutuava suavemente com a brisa. Não pela primeira vez, ela desejou que tivesse alguém para compartilhar seus problemas, mas não era para ser.

Não com ela.

Nunca com ela.

Se ela fosse destinada a se casar, ela ainda estaria com o Sr. Constonce, o banqueiro de Charleston. Mas o destino e a vida tinham planos

diferentes para ela.

Então aqui ela estava na pequena cidade de Giddings, Texas desejando uma vida diferente, por algum motivo estúpido quando a que ela tinha era perfeitamente boa, só um pouco solitária.

Solitária.

Seria bom para se apoiar. Por apenas um momento, ela deixou a mente vagar para a pessoa que ela se inclinaria agora mesmo se pudesse.

Ele foi o único homem que ela havia se interessado, pediu ajuda para pequenas tarefas que havia necessitado, ou que ela simplesmente não conseguia fazer com os pensionistas. Como o telhado que precisava ser consertado e com ela uma casa cheia de convidados. Ela o procurou e pediu-lhe mais ajuda nos últimos meses do que ela já tinha pedido antes a alguém, mas ela sabia que neste caso particular, ela devia ficar bem sozinha.

Lorella Constonce tinha se mudado para cá precisando de um novo começo há cinco anos atrás. As velhas tias com quem ela tinha ido morar foram embora para lugares desconhecidos e deixaram-na com uma carta e a casa do internato em Giddings, Texas.

Não era o que Lorella havia planejado para sua vida, mas era uma vida pelo menos o que ela era imensamente grata. E ela foi honesta o suficiente com ela para saber que embora tivesse sido muito boa como a esposa de um banqueiro, ela nunca tinha se encaixado nesse círculo de pessoas e eles sempre deixaram-na saber disso.

Então, novamente, ela tinha sido uma jovem que pensava que o mais

velho e maravilhoso Sr. Constance lançaria o chapéu para ela, jovem e tola.

Aqui em Giddings ela se encontrava em paz, mais em casa do que ela já tinha estado em Charleston.

Pelo menos ela tinha estado até ontem à noite.

Agora a vida normalmente tranquila e sem intercorrências de Lorella estava ... aterrorizante.

Ela se virou ofegante para a porta que se abria.

E entrou o xerife Greydon Jeffries.

Porra.

Era só o que ela precisava.

No entanto, seu coração bateu forte duas vezes, seja de medo ou excitação... Ela não tinha idéia e não queria adivinhar agora.

Ela sonhava com o homem em demasiado.

Ele pendurou o chapéu no cabide de ferro na parede e ela não conseguia parar de deixar seu olhar passear pelas longas linhas de seu corpo. O homem podia comer mais de seus biscoitos do que qualquer um, mas ele nunca fez. Ele estava em forma e bem constituído. Ela sabia que a partir de ambas as histórias locais e de testemunhar em primeira mão que ele sabia como lidar com as armas penduradas na cintura e amarradas à sua coxa. O escudo de xerife sobre seu colete era tão parte dele como seu cabelo castanho claro e desalinhado, olhos castanho-escuros. Seu nariz era um pouco torto, provavelmente devido a um soco. E cicatrizes cruzavam e marcavam o rosto como se um artista não pudesse decidir onde colocá-los. Ele sempre parecia

estar sorrindo, mesmo quando ele não estava. Ou era o único que não tinha notado que, mesmo quando os lábios se mantinham firmes e retos, o divertimento aparecia nos cantos de seus lábios. Ela tinha visto o homem na maioria das manhãs e tardes de cada semana, durante o ano passado, e cada vez que ela pôs os olhos nele, algo dentro dela parecia viajar e deslizar. Talvez um dia ela fosse ousada o suficiente para convidar o homem para acompanhá-la em um passeio, ou talvez mesmo para a dança de Natal que acontecia na cidade todos os anos.

Lorella sacudindo os pensamentos estúpidos e ao invés disso, ela sorriu e disse, pegando os pratos — Tenho que levá-los aos meninos. Eu já volto. — Ele apenas acenou com a cabeça e sentou em sua mesa da cozinha, como fez a maioria das manhãs de uma semana qualquer. Ela só esperava que ele estivesse aqui para o café da manhã e biscoitos, e não para algo mais.

Ela empurrou a porta para a sala de jantar, onde quatro homens estavam sentados conversando.

Ela colocou os outros dois pratos de baixo, já tendo servido os dois primeiros.

— Srta. Lorella, isso parece delicioso — , um dos homens disse.

Ela sorriu para eles, perguntou se eles precisavam de qualquer coisa e depois voltou para a cozinha. Na porta, ela parou, correu as palmas das mãos úmidas por cima da blusa e respirou fundo.

Coragem.

Força.

Ela poderia fazer isso.

Aja como se tudo estivesse bem.

Tudo estava bem e ele nunca saberia a diferença.

Ela esperava.

Lorella se dirigiu para a cozinha e evitou o homem sentado à sua mesa. Por mais que ela tentasse era difícil evitar alguém que tinha mais de 1,80m de altura e sempre parecia como se estivesse esperando o pôr do sol. Ela raramente tinha visto pressa no homem. Muitas vezes ele parecia um gato dormindo.

Ele tinha acabado de sentar e assistia tudo que ocorria à sua volta. Mas Lorella conhecia bem Greydon o suficiente para nunca subestimar sua mente, perspicaz e afiada que se escondia atrás de seu sotaque arrastado, lento e contínuo.

Ela tentou acalmar os nervos e tremia quando trouxe seu prato pronto e colocou diante dele com um garfo e faca.

Ele apanhou-os e derramou seu próprio café em outra caneca que ela colocava fora sobre a mesa.

Algumas coisas eram certas. O sol nascente, a constante mudança do tempo no Texas, e o xerife vir sempre aqui para comer.

Se ela fosse honesta consigo mesma, ela sabia que ele era o destaque de seu dia.

Ela nunca havia admitido a ninguém o que suas visitas significavam para ela. Como estava ansiosa por elas o dia e a noite toda.

Ele era o homem que assombrava seus sonhos, sonhos que a deixavam dolorida e úmida, querendo mais.

Mas ela nunca admitiria isso para ninguém, muito menos para ele.

Xerife Greydon não parecia ser do tipo de fantasias e se ele fosse, ela tinha sérias dúvidas, ele provavelmente não estaria com ela. Ela não era exatamente material da fantasia.

Não, mulheres como ela eram bastante simples e comuns. Ela administrava uma pensão adequada, e não um bordel.

Suspirando e desejando novamente por alguém em quem confiar, ela colocou seus pensamentos de Greydon de lado.

Quando colocou o prato na frente dele, ela se virou para a pia.

Sua mão serpenteou para fora e agarrou seu pulso. — Sente-se, Lorella. — Ele esperou, os olhos escuros intenção dela.

Ela fez uma pausa, seu pulso disparou e se sentiu tensa.

— Só um minuto. Eu preciso...

— Sentar comigo, — ele interrompeu, em voz baixa e calma como sempre foi.

Ela respirou fundo, puxou as mesmas proteções ao redor dela que ela tinha desde a infância.

— Alguns de seus hóspedes que ficaram aqui eram mulheres? — Ele perguntou, ainda segurando a mão dela mesmo pegando sua xícara de café.

Ela tomou uma respiração profunda e olhou diretamente nos olhos. — Não. Apenas quatro homens vieram de fora só para comer.

Seu olhar correu em torno da cozinha.

— E antes que você pergunte, — ela disse, — Moira estava doente esta manhã, então eu mandei ela para a cama.

Todos na cidade sabiam que Moira tinha aparecido um mês antes, uma jovem com um passado obscuro e várias contusões visíveis. Lorella tinha acolhido ela, uma vez que estava precisando de alguma ajuda e o acordo foi bom para todos - até que apareciam homens de viagem. Em seguida, Moira tendia a ficar doente e se esconder em seu quarto por horas a fio.

Lorella não pressionava para saber qual o problema, embora muitas vezes ela pensou em fazer isso.

— Quatro homens. — Ele balançou a cabeça. — Você precisa descobrir o que essa menina está escondendo, Lorella.

Lorella revirou os olhos. — Nem todo mundo que não confessa tudo é um criminoso, xerife. A garota tem um passado. Quem não passa no Texas após a guerra? — Ele segurou seu olhar por um momento então, obviamente, decidiu deixar o assunto quando ele olhou para ela por cima da caneca de café e perguntou: — Você vai me dizer porque você tem franzindo a testa esta manhã? — Ela tirou a mão meio surpresa por ele deixá-la ir e se endireitou, enxugando as palmas das mãos na saia, e pôs mais biscoitos em uma cesta.

— Não é nada. Eu só estou afobada fazendo tudo, — ela mentiu. Ambos sabiam que era uma mentira, quando ela tinha conseguido fazer tudo muito bem sozinha por anos antes de Moira aparecer.

— Hmmm.

Ela não se virou, simplesmente continuando a colocar todos os biscoitos do forno holandês na cesta. Ela colocou mais duas cestas fora, então mais uma e colocou-as em um forma que ela deu para Greydon.

Ele ainda olhou para ela, embora sua boca estivesse cheia de comida.

Ela suspirou.

O homem sempre a fez suspirar. Ela estava desesperada como se ela não soubesse.

— Então quais são seus planos para o dia? — , Perguntou ela.

Ela voltou-se e começou a misturar mais biscoitos. Farinha, a banha ... — Eu não sei. Limpar aqui, estar certa de aprontar o jantar lá pelas seis, e em seguida, limpar um pouco mais. — Ela virou a cabeça em direção à janela, olhando para o jardim. — Eu preciso arrancar as ervas daninhas no jardim, também.

A brisa de antes parecia ter desaparecido de forma que agora o ar parecia abafado.

Nenhum dos dois falou, mas ela podia sentir seus olhos sobre ela. Quando ela cortou o último biscoito e colocou-o no forno holandês, ele perguntou: — Qualquer um dos seus hóspedes saiu tarde na noite passada?

Ontem à noite ...

Ela estremeceu e se virou. — Como eu deveria saber? Tranquei a porta como sempre, mas se alguém quiser sair, não posso impedir, posso? — Ele passou a língua ao redor de seus dentes, os olhos estreitando sobre ela. Então, seu olhar escuro caiu para a bainha da saia.

— Tivemos uma bela chuva na noite passada.

Ela olhou para baixo. Ela só tinha um par de sapatos, e, felizmente, ela os limpou quando entrou e a sua saia estava em uma pilha em seu quarto apenas fora da cozinha.

Quando Lorella olhou para ele, o brilho dos seus olhos foi substituído por um brilho duro que ela tinha notado, por vezes, passavam por eles em momentos ímpares. Não se podia comer em frente a um homem uma boa parte das refeições sem perceber pequenos detalhes.

— Lorella — , disse ele naquela voz baixa, calma. — Se você tivesse algo a me dizer, você me diria, não é?

Ele não se mexia assim, então por que no mundo que ela sentia como se estivesse sondando ela?

Respirando fundo, ela puxou a toalha do ombro e limpou a mesa.

— Claro, Greydon.

Sua mão desceu em cima dela, acalmando seus movimentos. — Eu acho que você deveria ir para a delegacia por esta noite.

Ela sentiu o sangue de seu rosto.

Ele piscou e foi, então, de pé ao lado dela. — Não fuja de mim, mulher. Aqui, sente-se. — Ele empurrou-a na cadeira que ela tinha abandonado mais cedo. — O que está errado com você esta manhã? Se eu não soubesse melhor, — ele murmurou, ainda olhando para ela que lhe serviu um copo de água da jarra no balcão, — Eu acharia que você estava com medo de mim.

Lorella fechou os olhos e balançou a cabeça. — Você só me chocou é tudo, Greydon. Porque você quer que eu vá para a delegacia está além de mim. Estou cansada e nervosa e você só me chocou. Eu não gosto de prisões. Eles trazem para trás memórias ruins.

— É?

— Um passado que não importa pra você, há muito tempo enterrado.

Ele não disse nada, apenas ficou encostado na mesa em frente dela, seus tornozelos cruzados, os braços cruzados, encarando seu rosto.

— Eu não posso passar por aqui esta noite e eu prefiro não deixar você aqui sozinha com esses homens. — Ele sacudiu a cabeça em direção à porta de vaivém entre a cozinha e a sala de jantar.

Ela franziu a testa e olhou para ele.

— Eu posso cuidar de mim.

— Coisas ruins estão acontecendo por aqui e até que eu saiba o que está acontecendo, eu gostaria de saber que você está segura. Assim, traga-me um prato pronto, por favor.

Lorella tomou uma respiração profunda, calmante.

— Greydon Jefferies, xerife ou não, você não me trate como se eu fosse algum tipo de criminosa. Esta é minha casa e eu vou permanecer nela, muito obrigada. Se você quiser um prato pronto, você pode vir buscá-lo. — Ela cruzou os braços sobre o peito e se encostou na cadeira apoiada na escada.

— Lorella... — , disse ele, soltando sua voz.

— Não me chame Lorella. Eu tenho tomado conta de mim todo esse tempo durante toda minha vida.

— Todo mundo precisa descansar um pouco.

Embora ele tivesse repetido esses pensamentos antes, ela não gostou do fato de que ele parecia tão exigente com ela ou esperasse que ela simplesmente fizesse o que ele pedia.

— Eu não preciso que outro homem estrague as coisas — , ela murmurou, olhando para baixo.

Por um longo momento ele não disse nada, atraindo o olhar de volta para ele. Ele apenas arqueou uma sobrancelha. — Um outro homem? — Ele balançou a cabeça uma vez, duas vezes. — E que outro homem confundiu as coisas para você, Lorella?

Crimeny!

Agora o que ela diria sobre isso?

— Hummm — Ela tentou pensar o que dizer, notando como seus olhos tinham diminuído. A contração pequena visível em sua mandíbula e, embora ele não se mexesse, era como se cada músculo estivesse tenso nele. Ela lambeu os lábios.

— Lorella ... — ele disse, sua voz profunda e a ponto de explodir tudo – todo exigente.

— Ouça, só porque você come na minha mesa, xerife, não lhe dá o direito de me pressionar.

Ela olhou para ele.

Seus olhos se estreitaram nos dela. Ela deixou cair o olhar e de repente percebeu que ele estava em pé na sua frente onde ele estivera sentado e ela estava cara a cara com o homem.

O sangue correu quando abaixou os olhos. Mas ela não foi a única que percebeu. Mesmo enquanto estava lá, ela simplesmente viu que seu pau cresceu até que ele estava empurrando o tecido desgastado da calça.

Sua respiração congelou em seus pulmões e seu coração ainda batia forte em seu peito e seus seios pareciam pesados. Ela podia sentir a umidade entre as coxas.

Ela lambeu os lábios.

Ele inclinou-se devagar e olhou diretamente nos olhos. Seus olhos escuros perfuraram os dela e havia uma mistura de raiva, frustração e mais alguma coisa nas suas profundezas.

— Lorella — , seu hálito quente murmurou contra seus lábios, — Há o comendo na sua mesa, e há o comendo na sua mesa. — Ele se aproximou e apertou os lábios contra os dela.

Por um momento, ela não conseguia pensar, não podia se mover.

Fez uma pausa, levantou a cabeça, então se inclinou e beijou-a outra vez mais duro. A pressão sobre seus lábios não era gentil. Ele exigiu entrada. Sua língua correu em sua boca e ela abriu.

O beijo se aprofundou quando ele provou dentro de sua boca, sua língua preguiçosamente buscando a dela para jogar. Fechando os olhos, ela cedeu e colocou os braços em torno do homem que a mantinha.

Ele estava beijando ela.

Sentimentos muito enterrados, levantou-se em excitação.

Para um homem.

Para Greydon.

Ela mordeu o lábio inferior com o dela própria e ele empurrou de volta.

— Esteja lá esta noite — disse ele macio. E pegou o chapéu do gancho. — Obrigado pelo café da manhã. — Ele parou na porta e espetou-a com um olhar de promessa. — Não me faça vir buscar você, querida. Eu prometo que você não vai gostar das conseqüências.



Capítulo Dois

Greydon se perguntava se ela realmente viria, se ela seria ousada o suficiente para vir. O que ele tinha pensado nesta manhã de qualquer maneira?

Ele não tinha pensado.

A mulher tinha lhe torcido em nós. Quanto mais ela teimava, mais excitado ele se tornava.

Porra, se fosse honesto, seu pau tinha estado duro com rocha em torno da mulher há meses. Ela só percebeu esta manhã.

E quando ele a pegou olhando para o pau dele, ele não conseguia mais parar de pensar em despi-la.

Pelo menos ele não havia arrebatado ela da cozinha.

Ele arrastou a mão pelos cabelos. Ele odiava a idéia dela lá sozinha.

Ela estava muito confiante na maldita cidade, aceitava qualquer hóspede com ela que precisasse.

Nem todo mundo era bom.

Quem diabos conhecia aqueles homens, ou qualquer homem que ficava sob seu teto? A mulher tinha uma pensão, concedida. No entanto, ele notou que cada vez mais ultimamente ele não gostou do fato de que ela estava ali sozinha. Moira podia ajudá-la, mas ... dane-se tudo. Ele não tinha idéia qual era o problema dela. A pequena mulher tinha penetrado em seus pensamentos, como o cheiro de suas tortas assando flutuando na rua e invadindo o seu espaço. Quando ele estava ao seu redor, fazendo qualquer trabalho estranho que ela pedisse a ele, esperando até que ela pedisse a ele porque ele sabia bem o suficiente para saber que ela não iria aceitar a ajuda que foi oferecida a menos que ele tivesse sido solicitado, mais ele queria. E quanto mais ele queria ela, mais ele não gostava da idéia que ela estivesse exposta a possíveis danos, permitindo que os viajantes ficassem com ela, mesmo que fosse o trabalho dela.

Ele esfregou as mãos sobre o rosto.

Já era tarde. Ele podia ouvir o riso vindo do saloon do outro lado da

rua. Arreios tilintavam em cavalos e várias vozes masculinas estavam conversando na beira da praia.

O sol de verão tinha acabado de sumir. Não era nem mesmo nove horas pelo relógio do tribunal, e a luz do dia foi finalmente se retirando.

Ele rezou que nada acontecesse esta noite.

Por que diabos ele lhe disse para encontrá-lo aqui, ele ainda não sabia. Ele normalmente ficava hospedado em um quarto na parte de trás do hotel. Era barato. Ele não precisa se preocupar com o lar. Era isso ou quarto de dormir acima da casa de detenção. Ele olhou para cima.

O segundo andar precisava de novas tábuas. Algumas estavam soltas e ele não tinha desejo de ir lá de cima ou ver uma cair no chão.

Será que ela vem?

Ou será que ela vai testá-lo?

Ele sorriu. Ele meio que esperava que ela fizesse o último. Ele teria uma surpresa ou duas para ela. Ele esperou e esperou e agora que ele beijou a mulher, sabia o que antes ele só tinha suspeitado. Agora, porém, ele sabia, sem dúvida, Lorella era dele e ele atiraria em qualquer um que afirmasse o contrário.

E acabaria tendo de convencê-la disso.

Ele esperou mais alguns minutos. Que merda tinha a assustado tanto esta manhã? Ele se perguntou durante todo o dia e todos os cenários que ele imaginou não gostou. Era certo que estavam no Texas, todos que chegaram aqui estavam fugindo de algo. Ele não se importava geralmente com o que

alguém tivesse feito desde que a pessoa não fosse procurada pela justiça em outro lugar ou causasse problemas em sua cidade. Nada que ele poderia imaginar de Lorella, mas havia muito mais que podia e tinha imaginado durante todo o dia de qual seria o motivo dela não gostar de prisões.

Ela não estava vindo.

Ele se levantou e, em seguida, ouviu as passos leves fora da porta do escritório. Sorrindo, ele sentou-se novamente.

Ele olhou a porta e recostou-se na cadeira, apoiando as pernas sobre a mesa.

A porta se abriu e ela entrou, sua saia marrom girando em torno de suas botas, ele observou que estavam gastas. Ela precisava de botas novas.

Ele suspirou e cruzou as mãos sobre o estômago.

— Eu estava me preparando para buscá-la.

Uma sobrancelha arqueada finalmente se levantou e ela estreitou seu olhar para ele.

— Sabia que você, provavelmente viria. — Ela trouxe uma cesta mais e colocou em sua mesa. O cheiro de carne cozida e de seus biscoitos subiram da cesta coberta. Ele verificaria isso mais tarde.

Em vez disso ele simplesmente olhou para ela.

Ela torceu os dedos na sua saia, em seguida, deixou cair as mãos para o lado e respirou fundo.

— Ok, eu estou aqui, então qual o objetivo de me ameaçar?

Ele sorriu e viu suas bochechas corarem. Ele esperou até que ela

começou a se mexer e, em seguida, apontou um assento para ela.

Ela arqueou uma sobrancelha e se sentou em frente a ele. Ainda assim, ele não se moveu, ao invés disso ele a observava.

— O que você sabe sobre o homem que morreu na noite passada? —
E lá estava ele novamente, um flash de medo, de ... algo quando o tom rosado desapareceu de seu rosto.

— Lorella.

Ela fungou e passou.

— Eu não sei do que você está falando.

Ele deixou cair o e sentou-se.

— Oh, sim você sabe.

— Bem, eu não o matei.

Ele sorriu. — Querida, eu nunca pensei que tinha sido você.

Seus ombros levantaram.

— Eu poderia surpreendê-lo.

Ele baixou o olhar para seus lábios, cheios e, normalmente, prontos para sorrir. Agora eles estavam cerrados.

— Oh, não há dúvida em minha mente que você poderia me surpreender.

Ele deixou seu olhar baixar para seu pescoço, a gola alta da blusa branca, um pouco desgastada sobre as costuras.

Seus seios pareciam cheios. Ele frequentemente observava que ela escondia em suas roupas, as curvas, e os montes.

Ela engoliu em seco.

— O que é isso Greydon? — Ela perguntou em voz baixa.

Ele olhou de volta para ela e disse, — Você.

A carranca vincado as sobrancelhas.

— Eu?

— Você. Eu quero você. — Lá, ele tinha dito novamente. Ele poderia enfrentar os criminosos, arrebanhar uma legião de ladrões de cavalos. Ele disparou em homens e outros levou à força. Agora o estômago se apertava.

Ela piscou.

— O quê?

— Eu ... quero ... você.

Ela olhou para baixo, um sorriso pequeno apareceu no canto de sua boca. Então, ela olhou para trás debaixo de seus cílios.

— Você parece seguro de si.

— Ah, eu estou.



Ele queria ela? Ela tentou ouvir o trovão de seu próprio batimento cardíaco, mas era difícil.

Por que ela tinha vontade de correr para a porta? Podia ser o olhar predatório em seus olhos escuros, como se ela fosse uma presa e ele estivesse prestes a atacar. O pulsar no seu pescoço chamou a atenção dela.

Estava quente na cadeia.

Ela estreitou o olhar para ele e percebeu que ele estava no controle aqui.

Ela iria lhe mostrar.

Suspirando, ela se inclinou para trás e cruzou a perna, deixando-a balançar como muitas vezes ela tinha sentado assim.

— Você sabe — , disse ela, sem quebrar o contato visual. — Acho que é uma coisa boa você me querer. Eu tenho uma confissão a fazer, Greydon — Ela acenou com a mão na frente do rosto.

Por um segundo, pensou em correr para a porta, mas esta poderia ser sua única chance. Ela tinha trinta anos. Não tinha mais marido, há anos atrás, e o homem que ela tinha sonhado, fantasiando a respeito, a queria. Agora, não era hora de agir como uma moça virgem e tímida.

— É mais quente aqui do que na minha cozinha — , disse ela após uma breve hesitação em vez de terminar o comentário provocativo. Observando seus olhos seguirem seus dedos, ela lentamente soltou o primeiro botão da blusa de algodão. Em seguida, ela abriu o próximo. Ele engoliu em seco, o seu olhar se estreitou antes de subir para a dela.

— Que jogo você está jogando, Lorella?

Ela inclinou a cabeça. — Você não vai comer, xerife?

Ele apontou para sua camisa, mas não disse nada.

Um riso feminino gutural dançou com os tons mais profundos de um macho de outro lado da rua. O salão. Prostitutas.

Agora, ela desejava que soubesse alguns truques.

Mas os homens, em sua experiência de todos os que ficaram sob seu teto, desde que ela tinha visto os homens religiosos respeitáveis que visitavam a senhorita Mabel durante a semana, eram todos iguais. Todos criaturas simples, na verdade, que eram governados por seus membros em vez de seus cérebros muitas vezes.

— Você vai continuar, ou vou ter que ir até aí e ajudar? — Perguntou ele.

Ela desfez mais uma e, em seguida, acenou para a cesta. — Você não vai olhar para dentro?

Ele arqueou uma sobrancelha e pegou a ponta da toalha. Ele respirou fundo e olhou para o conteúdo. — Torta de pêssego.

Ela sorriu. Seus olhos escureceram. — Você não diz a um oficial da lei você tem uma confissão a fazer e depois não diz nada, Lorella. Nós não levamos isso muito bem.

Ela se levantou e caminhou ao redor da borda da mesa. Por que não havia pensado nisso antes?

Fechando os olhos, ela respirou fundo.

Ela tinha acabado de fazer as coisas que ela sempre sonhou em fazer com ele, e ver aonde isso iria lhes levar.

— Sério?

— Realmente. Isso nos faz contorcer — , disse ele, estendendo a mão e colocando as mãos em sua cintura, puxando-a para ele.

— Contorcer não é bom.

— Exatamente, por isso, — ele murmurou, inclinando-se para acariciar seu pescoço. — Por que você não confessa?

— Por que, xerife, uma mulher deve manter alguns segredos.

Ele beijou o lado do pescoço, arrastou a sua língua do seu lóbulo da orelha para sua clavícula e de volta. No seu ouvido, ele lambeu o lóbulo, provocando arrepios na sua espinha.

— Você vai me dizer tudo o que eu quero saber.

Ela riu.

— Eu tenho maneiras de fazer você falar.

Desta vez, ela deu uma gargalhada.

Ela correu os dedos nos seus cabelos castanhos claros. Ele era suave, mais cacheado que ela teria pensado, os cachos leves permaneceram mesmo quando ela retirou os dedos deles.

— Como? — Ela sussurrou, inclinando o rosto até ela.

Ele parou apenas tímido de beijá-la. — Você vai me dizer qual é a sua confissão?

Ela pensou sobre isso, mas estava se divertindo muito. Lorella puxou

o lábio inferior entre os dentes. — Eu acho que não.

— Então você vai ter que esperar e ver.

Um arrepio de antecipação atravessou seu sistema, fazendo com que seus seios se sentissem pesados, os mamilos endureceram.

Seu olhar caiu para eles. — Bem, olhe aqui. Senhorita Lorella, isso te excita?

Ele virou a cadeira e puxou-a para mais perto, então, seus quadris presos entre a sua mesa e ele na sua frente, entre as pernas dela.

Ela engoliu em seco. A dor entre as coxas dela cresceu, amortecendo-a.

Ele tocou seus seios através da blusa, através de sua camisa. Então ele abriu os botões restantes.

Ela desejava que tivesse um espartilho, mas vários dos ossos de baleia tinham quebrado e ela simplesmente não tinha tempo para tentar encontrar um novo.

Passou as mãos sob a sua borda camisa, e, em seguida, colocou-a nos ombros. Ele olhou para ela, como se ela fosse algum deserto favorito. Ninguém nunca tinha olhado para ela desta forma antes.

Em seguida, desatou os laços de sua camisa e puxou as bordas para baixo, tirando-a pelos ombros. Ela pegou em seus braços.

Ela estava tão quente. Umidade brilhava em sua testa, em seu corpo.

Em sua testa.

Ele inclinou-se e respirou fundo, fechando os olhos. Então ele abriu

de novo e segurou os seios nus.

— Lorella — ,disse ele em um suspiro. Levantou-se, de modo que eles estavam mais próximos da mesma altura e se inclinou para ela, beijando-a na boca.

Esse beijo não foi como os outros. Foi duro, quente, exigente. A tentativa de pressionar os lábios de esta manhã se foi.

Agora, o beijo fez pensar em todos os fogos que ela tinha ouvido ao longo dos anos. Isso a fez ansiar, fez com que ela desejasse.

E o que ela queria era Greydon Jefferies.

Ela tentou levar as mãos para cima, mas seus braços foram apanhados na camisa.

— Confissão — , questionou, beliscando seus lábios.

Ela suspirou e chegou mais perto dele, com um dedo circulou o centro de seu peito.

— Hummm ...

— Ainda não vai me dizer? — , Ele perguntou em voz baixa, com os olhos caindo para assistir os dedos brincar seus seios.

Ela olhou para seus dedos longos e bronzeados quando ele tomou os mamilos rosados entre os polegares e indicadores e rolou-os, puxou-os, e rolou-os novamente.

Ela fechou os olhos e gemeu.

— Confissão — , perguntou, rindo.

— Não. — Ela balançou a cabeça.

Ele parou. — É melhor você me dizer — , alertou.

Ela lambeu os lábios. — Ou o quê?

— Ou eu vou fazer você pedir.

— Para?

— Soltar — , ele disse, sua voz profunda e macia.

Ela sorriu e arqueou os seios em suas mãos. — Ameaças, xerife? —

Ele torceu seus mamilos.

— Querida, isso é uma promessa. — Ele deu um passo para trás, olhou para a porta, em seguida, amaldiçoou. Avançando por ela, ele passou o trinco, e então parou na frente dela novamente. Ele passou a mão pelos cabelos e franziu a testa.

Ótimo, agora que ele estava tendo segundos pensamentos.

Ela respirou fundo e puxou a camisa.

Sua mão agarrou a dela. — Eu deveria ter pensado ... isso não é exatamente — Ele suspirou. — Nós estamos em uma cadeia, pelo amor de Deus.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Você me disse para vir aqui. Agora você não me quer? Típico de Homem.

Seu olhar deu uma pausa. Ele a puxou para fora da mesa e levou-a através do escritório, passou as celas para um quarto na parte de trás. Havia duas camas contra a parede, armas e munição nas paredes, selas, esporas, rifles. Ele passou o trinco na outra porta da sala, também.

— Tire a roupa.

Ela ficou parada no local.

— Lorella. Eu sou o xerife aqui. Eu não tenho muito tempo. O que eu tenho quero passar com você.

Ela balançou a cabeça. Por que não poderia as coisas com ela serem normais?

— Xerife, eu acho que você estava blefando. — Ela apoiou as mãos nos quadris.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Blefando?

— Nenhum homem alguma vez me fez implorar. — Ela cruzou os braços. — E aqui está você falando em vão...

Ele estava do outro lado do quarto mais rápido do que ela pudesse piscar, passou a mão no cabelo dela na nuca. — Eu não falo em vão.

— Promessas, promessas — Sua boca, dura e quente na dela, cortou suas palavras. Ele não lhe deu espaço para o pensamento. Ele esmagou-a contra si. O couro do colete era suave e quente contra seus seios nus.

Ele se esfregou contra ela e ela gemeu.

Ele rapidamente soltou os laços da parte de trás da saia, ela quase tropeçou quando ele levou-a para trás, para a cama e a saia escorregou da cintura dela. Ele empurrou-a e jogou-a de lado.

— Você vai se arrepender me provocando, querida.

Ela esperou até que ele começou a desfazer os seus próprios botões, então, decidiu fazer um traço para ele. Ela pulou em cima da cama e aterrissou no outro lado.

Ele apenas arqueou uma sobrancelha. — Você sempre gostou de jogar duro.

Capítulo Três

Greydon largou o colete, desfez o cinto de armas e pendurou-a na extremidade da cama.

Então ele rapidamente despiu-se, observando sua respiração ficar rápida, enquanto os belos seios cheios subiam e desciam. Ele não podia esperar para ver o resto dela. Ela ficou em suas anáguas usadas e a camisa aberta e ele não queria nada mais do que enterrar o rosto entre seus seios magníficos e seu pênis profundamente em sua vagina quente.

Seu sorriso travesso lhe disse que estava gostando disso tanto como ele estava.

Ele correu para um lado, depois para o outro.

Quando ela tentou pular em cima da cama de novo, ele estava pronto e agarrou-a, jogando-a sobre a cama. Ele lutou até que ele colocou a saia dela em torno de sua cintura e sua mão em sua vagina. Estava quente e úmida.

Um tremor dançou em sua espinha.

— Acalme-se. Eu preciso tirar a roupa.

Ela balançou contra ele.

— Shhh — , disse ela. — Nós vamos chegar a todas as partes boas. Agora, estamos nos divertindo. — Ele puxou um braço, depois o outro de sua camisa. Então ele estendeu a mão e agarrou um pedaço de linho.

— Agora, querida, você pode não gostar disso, mas eu estou fazendo isso para seu próprio bem.

Ela se contorcia abaixo dele. — Greydon.

— Shhh — Ele beijou-a, distraíndo-a do que estava fazendo. Ele rapidamente amarrou a tira de pano em torno de seus pulsos e prendeu-a na cabeceira, com cuidado para não amarrá-la com muita força, mas firme o suficiente.

— Greydon?

— Eu disse que ia fazê-la a me contar tudo. — Ele a beijou novamente, movendo-se ao longo de sua mandíbula, girou sua língua no ouvido dela, e sorriu quando ela estremeceu.

Ele beijou um caminho de baixo do peito, lambeu um caminho de um seio para o outro. — Você cheira a pêssegos.

Ela riu. — Eu fiz três tortas.

— Hmm ...

Ele empurrou a roupa para baixo de seu estômago, deslizando antes de cair pelos seus quadris. Ele empurrou suas roupas para baixo, sobre os quadris, fazendo uma pausa quando o triângulo de pelo escuro foi revelado. Ele inclinou-se e respirou fundo o cheiro de mulher.

Ela prendeu a respiração.

Ele puxou a saia e a blusa dela e as jogou de lado. Então ele se levantou.

Aqui ia ela.

— Bom, Deus — , ele sussurrou.

Sua pele era branca contra sua mão bronzada e braços. Suas mãos eram mais escuras, como o rosto e pescoço. Ela gostava de trabalhar no jardim, ele sabia.

Mas ele nunca tinha imaginado isso. — Em todas as vezes que eu sonhei e pensei em você nua, eu nunca Você é linda.

Ela se contorcia e se não estivesse atada, provavelmente teria se coberto.

Ele passou a mão no peito, sobre os seios, até o meio de suas coxas.

— Eu sonhei com você desse jeito— , disse ele.

— Fazendo suas próprias confissões? — , Perguntou ela. — E todas as vezes que você comeu à minha mesa com esse olhar pensativo em seu rosto. Agora eu pergunto o que você estava realmente pensando.

Ele olhou de volta em seus olhos.

— Você quer realmente saber o que eu estava pensando, Lorella?

Ela engoliu e lambeu os lábios.

— Sim.

Ele olhou pra ela quando subiu na cama estreita. No começo, ele a beijou, acalmou ela, sentiu o coração disparado contra ele, onde tocou o peito dela. O corpo dela estava quente e flexível sob seu.

Ele não disse uma palavra, apenas continuou a beijar-lhe o caminho até seu peito aos seios.

Ele sentiu-os, pesados e acariciou os globos brancos cremosos. Seus mamilos eram de um rosa escuro, lembrando-lhe os pincéis indianos que cresciam nas encostas durante a primavera.

Ele apertou as palmas das mãos nos centros de seus seios, circulou e passou, até que ela foi arqueando em suas mãos. Em seguida, pressionou a boca sobre um mamilo e sorriu quando ela se arqueou para fora da cama.

— Greydon — , ela sussurrou.

— Seus mamilos são tão doces quanto o seus doces. — Ele olhou para ela quando ele lambeu e amamentou a outra mama.

A luxúria se tornou mais dura do que um ladrão fugindo de uma legião.

— Eu me pergunto quais são os outros lugares doces em você. — Ele raspou os dentes sobre o mamilo e lambeu seu caminho até seu estômago, liso e bem-feito. Ele se perguntou vagamente se ela já comeu a própria comida ou se ela apenas alimentou a todos eles.

Ele deslizou para baixo seu longo corpo, e afastou suas coxas. Na pouca luz da lanterna, ele podia ver a umidade em sua vagina.

— Esta é a mais bonita vagina que eu já vi — ,disse a ela, passando o dedo através de suas escorregadias dobras molhadas.

Ela não disse uma palavra, apenas continuou a observá-lo enquanto ele a estudava. Então, ele viu seu dedo. Ele passou o dedo para baixo através de seus pêlos pubianos, ao lado de seu clitóris, deslizando ao longo das dobras molhadas. Ele passou o dedo para cima, sem tocar o clitóris dela, nem a abertura, implorando para ele.

Ele observou a reação dela quando ele a tocou. Ele desenhou uma figura de oito, devagar, depois mais e mais rápido.

Ela gemeu.

— Confissões? — , Ele zombou.

Ela franziu a testa, claramente sem saber o que ele estava falando. Então Greydon inclinou-se e colocou a boca sobre ela.

Ela tinha um gosto escondido, de promessas proibidas.

Ele tocou sua língua no mesmo padrão, como fez com o dedo, em torno de seu clitóris, para baixo ao longo de sua fenda, sem nunca tocar.

— Por favor, Greydon —, ela implorou.

Ele afastou mais as coxas, abrindo-a completamente para ele. — Por favor o quê?

Ele tocou as suas dobras molhadas.

Lorella arqueava, queria, doía, necessitava

O ar passava sobre ela e ela estremeceu.

Seus dedos ... sua língua ...

Ele inclinou-se passando a sua língua sempre tão levemente para trás e para frente, então circulava em torno e em torno desse feixe de nervos tremulo.

— Oh, por favooooor — , ela implorou.

Ele riu-se contra ela e ela sentiu a ponta de alívio de um dedo solitário penetrar nela.

— O que é isso? — Ele moveu seu dedo para frente e para trás.

Tudo o que ela podia sentir era o calor pressionando por ela, o aperto dentro dela, a textura de seu dedo se movendo dentro para fora. Dentro. Fora.

Ela queria mais. Tinha sido há tanto tempo, muito, muito tempo.

Ele apertou o polegar sobre seu clitóris.

— Eu amo sua vagina — , disse ela.

Ela estremeceu com suas palavras sombrias.

— Está úmida, trêmula, necessitada ...

Colocou seu dedo maior, depois abrandou, depois aumentou, sempre mantendo-a na borda do clímax.

— Você quer o alívio?

— Sim. Por favor, sim. — Cada nervo em seu corpo estava gritando

para se libertar.

— O que você faria por ele?

— Qualquer coisa — , disse ela, puxando suas amarras.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Qualquer coisa?

Seu olhar caiu ao seu pênis totalmente ereto, de pé orgulhosamente no ninho de pêlos em sua virilha. Ele era um homem maravilhoso nu. Suas costas e peito eram mais brancos do que os braços e seu pescoço. Músculos, firmes e fortes, ondulavam enquanto ele se movia. Ela queria tocá-lo, queria correr as mãos sobre ele.

A memória de algo esquecido que seu marido lhe pediu para fazer, levantou-se em sua mente. Recém-casada, a idéia a havia chocado e no momento deu repulsa a ela, mas agora, olhando para Greydon, ela queria

— Venha aqui — , disse ela.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Eu quero te provar — , disse ela.

— Provar-me? Você já fez isso.

Ela balançou a cabeça. — Não. Quero provar o seu pau. Você me provou. Eu quero te provar. Agora.

Ele respirou fundo e balançou a cabeça.

— O que há de errado, xerife? Com medo? — Ela puxou novamente suas amarras.

Ele subiu na cama, até que ele estava sobre seu rosto, suas mãos contra a parede. — Você quer provar meu sabor?

Ela balançou a cabeça e abriu a boca.

— Eu — Ele balançou a cabeça, tirou seu pênis na mão e guiou-o à boca.

Lorella se estendeu e lambeu a ponta, surpresa ao sentir o cheiro almiscarado dele, mas tão quente, tão excitada, ela não queria nada mais do que provar tudo dele. No entanto, ele demorava muito e ela não estava muito certa.

Observando-o, ela abriu a boca mais e girou sua língua sobre ele. Seus olhos deslizaram fechados. Ela fechou os lábios sobre ele e sugou.

— Cristo, Lorella — , ele gemeu.

Ela alternava entre a sucção e rodopiar sua língua. Ele começou a se mover, empurrando suavemente em sua boca. Ela revirou a língua ao redor da cabeça de seu pênis, dando voltas e voltas até que ele gemeu novamente. Em seguida, ela chupou-lhe profundamente, duro e rápido.

Ele gritou e empurrou para ela novamente e novamente.

Suas mãos foram para a sua cabeça e ele se inclinou contra a parede na cabeceira da cama.

— Eu vou ... Eu não consigo mais ...

Ele gozou na sua boca. Lorella rapidamente o engoliu, os jatos de semen picante e incomum para ela, mas não desagradável. Seu prazer havia só

aumentado seu desejo.

Ela doía.

Ela queria.

Lorella se mexeu, tentou encontrar ...

Greydon, ofegante, empurrou-se para longe da parede e tirou o pau de sua boca.

— Puta merda, mulher! Onde no inferno você aprendeu isso? — Ele olhou para ela.

Ela apenas sorriu. Ele respirou fundo e balançou a cabeça.

— Sua vez.

Ele saiu de cima dela, e então deslizou para baixo da cama.

— Eu não deveria ter feito isso. Eu não podia pensar — Ele balançou a cabeça novamente, deu uma risadinha e murmurou: — Droga.

Lorella sabia que ele tinha se divertido.

— Eu fiz algo errado? Eu não fiz certo — No seu olhar de descrença, ela acrescentou, — Eu só ouvi.

Ele sorriu e disse:

— Minha vez, querida.

Sua mão correu pelo corpo dela e ela se arqueou para ele, suspirou quando ele deixou sua mão sobre sua vagina, quando ele pressionou, ela

estremeceu.

Bateram na porta, o som ecoou pela cadeia.

Continuou.

— Pô. Droga. Droga. — Ele saiu de cima dela e rapidamente desamarrou ela. — Sinto muito, querida. Eu realmente sinto muito.

Ele jogou as roupas para ela.

Seu corpo era repleto de emoções conflitantes, sentindo-se puxado em todas as direções.

— Xerife! — Tiros ecoaram.

Ela tentou descobrir por que ela queria chorar enquanto lutava em sua camisa e deslizou em sua saia.

— Eu estou tão desapontado. Eu diria para você ficar aqui, mas é melhor você se vestir. As pessoas podem entrar aqui, a qualquer momento. — Ele puxou as calças e calçou suas botas, pegando o coldre fora da extremidade da cama no ato. — Maldição — . Voltaram a bater em sua porta.

— Xerife!

Foi tudo de repente, tão absurdo, ela riu quando vestiu sua saia. A camisa estava no escritório. Greydon pareceu entender.

— Só um minuto maldito. Volte para a frente. Esta porta está bloqueada. — Ele correu para fora e estava de volta em um segundo com a camisa, jogando-a para ela. — Vista-se e saia por aquela porta. Vou estar na

sua casa assim que eu resolver este problema.

Ela puxou a camisa.

— Xerife!

Ele a agarrou, beijou-a duramente, murmurou outro pedido de desculpas, e, em seguida, saiu batendo a porta do quarto pequeno. Ela rapidamente calçou suas próprias botas. Seu cabelo desganhado era impossível que ela pudesse ajeitá-lo.

Sorrindo como uma idiota, querendo rir e chorar, e gritar com quem tivesse batido à porta para ir embora, ela calmamente saiu para o beco e caminhou de volta para a pensão.

Capítulo Quatro

Lorella escutou.

A casa estava em silêncio. Dois de seus hóspedes, tinham saído, os outros dois homens estavam no andar de cima dormindo.

Ela se sentou na varanda dela de volta a periferia da cidade e perguntou-se o que estava acontecendo. A lua não estava cheia, mas havia luz

suficiente, ela podia ver.

Seu corpo ainda doía pela liberação.

Pensando que ele não viria esta noite, ela se levantou e entrou na cozinha, então se retirou para seu próprio quarto. O nascer do sol seria em breve. Pelo menos ela já tinha preparado os biscoitos.

Ela tirou a colcha de cima, e se sentou na beirada da cama.

Seus seios estavam cheios e doloridos, seus mamilos salientes no vestido de algodão branco que ela usava. Estava tão quente ...

Ela estendeu a mão e agarrou o pano da lavagem da bacia. O luar se derramava através da janela para sua cama. Ela deixou a água gotejar em seu pescoço, na esperança que iria se esfriar com ela.

Mas isso não aconteceu.

Tremendo, seus nervos na borda, ela sabia que só havia uma maneira dela conseguir dormir esta noite.

Lorella puxou a camisola sobre a cabeça e colocou-a ao seu lado. Deitada em sua cama, ela fechou os olhos e fantasiou como ela sempre fazia.

Com Greydon.

De coisas que ele faria com ela.

Mas agora ela pensava em coisas que ele fez para ela.

Suas mãos tornaram-se as suas mãos.

Passou-as sobre os seios, correu os dedos sobre os mamilos, girou e

circulou, espremendo e comprimindo. Ela deixou uma mão vagar sobre sua barriga.

Espalhando seus dedos através de seus pêlos pubianos, ela abriu suas coxas e relaxou, caindo em sua fantasia.

Sua umidade revestiu os dedos. As pregas estavam escorregadias, quentes, e quanto mais pensava nele, mais molhada ela ficava.

A janela aberta na cabeceira de sua cama permitia o ar fresco soprar no quarto, a janela ao lado banhava seu corpo no luar.

Seus dedos dançaram sobre seu clitóris, lento e fácil, em seguida, mais rápido e mais seguro.

Lentamente, ela deslizou seus dedos dentro dela, deixando cair a mão de seus seios para se juntar a outra mão na junção de suas coxas.

Enquanto ela bombeava dois dedos em sua vagina, ela deixou seus outros dedos brincar seu feixe de nervos. As paredes dentro dela se apertavam, mais e mais ... Ela gemeu. Era prazeroso, mas não era o mesmo, não era ... Frustrada, ela gemeu novamente.

— Esse é meu trabalho — , disse uma voz rouca acima dela.

Ela abriu os olhos, assustada, um grito preso na garganta.

— Greydon.

Ele andava ao lado de seu quarto e subiu por aquela janela aberta. — Você estava esperando algum outro?

Ele acenou para ela e se sentou na beirada de sua cama. — Isso é uma visão que vai estar comigo a partir de agora.

Mortificada ela engoliu. Deus. Era ruim o suficiente, ela não devia

— Você não vai terminar? — Perguntou ele, desenganchando coldre e cinto, desabotoando a camisa. Jogou o coldre e a arma sobre a sua cabeceira, jogou sua camisa para o lado e se sentou na beirada da cama.

Seu coração estava batendo contra seu peito. Ele sentou-se e esperou.

— Eu pensei que você disse que era o seu trabalho.

Ele esperou, inclinou a cabeça.

— É?

Ela pensou por um momento.

— Você quer isso?

Sua mão estendeu a mão e acariciou-lhe a perna. — Eu não compartilho. É melhor dizer-lhe isso agora. — Sua mão vagou acima. — Hoje à noite dois homens estavam lutando por uma mulher.

— Um homem disparou contra o outro. Um marido. O outro homem, aparentemente, decidiu que queria a esposa do homem para levar com ele. O marido não concordou e quando a luta se tornou mortal, o marido disparou contra o bastardo. — Sua mão apertou em sua coxa. — Não é possível dizer que é culpa do homem.

Seu batimento cardíaco trovejava em seus ouvidos.

— Você entende, Lorella? Estávamos jogando um jogo divertido antes, mas esta noite, depois, eu percebi que entendia o marido perfeitamente. Você decide agora. — Ele sentou-se no final de sua cama, com o peito nu, como se ele pertencesse ali, enquanto ela estava espalhada por ele. — Uma vez que fizemos isso, eu não compartilho. Inferno, eu não vou compartilhar agora. Então, se este é apenas um divertimento, um passatempo para você, é melhor você dizer isso agora. Porque eu tenho idéias diferentes, estamos juntos, entendeu? — Ele se inclinou um pouco mais perto. — Uma vez que você for minha, você é minha. Ponto final.

Respirando fundo, ela balançou a cabeça.

Ele inclinou-se e agarrou sua cintura, levantando-a para sentar em seu colo. — Bom, não há mais jogos. Eu quero saber o que diabos assustou você ontem. Por que você teve medo de me dizer?

A outra noite voltou num piscar de olhos - a briga dos homens em combate, o som de tiros, o cheiro acre de pólvora misturado com o aroma fresco de chuva. Ela estremeceu.

— Querida, se alguém te machucou? — , Ele perguntou gentilmente.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Não. Eu fui ver Maggie. Eu queria perguntar a ela — Ela não estava disposta a admitir-lhe que ela tinha ido ver a dona do bordel para perguntar como seduzir um homem - o pensamento de conquistá-lo em sua

cama. Ela quase sorriu quando percebeu que ele já sentou lá e ela nunca tinha feito isso com Maggie.

— Bem, de qualquer maneira, eu estava andando e vi os homens lutando.

Ele ficou tenso.

— Que homens?

Ela encolheu os ombros.

— Eu não sei. Mas havia dois homens no beco e um deles disse que ele não se importava. Ela era apenas uma prostituta de qualquer maneira. Eles bateram um no outro e, em seguida, um homem puxou uma faca e esfaqueou o outro homem. Cortou-o duas vezes. Quando ele estava prestes a jogar a faca, o outro homem atirou nele. Ele estava morto. Eu só fiquei lá. Eu não podia me mover.

Os eventos transcorreram mais em sua mente. As vozes, a cena, como o relâmpago brilhou quando a chuva caía.

— E então?

Ela encolheu os ombros e recostou-se contra ele.

— Eu não sei. Eu só estava lá. O homem que foi cortado se aproximou de mim e eu estava prestes a gritar. Ele disse para não se preocupar. Ele não ia me machucar. Ele tinha acabado de pagar uma dívida. Em seguida, cuspiu sobre o morto o amaldiçoando para o inferno. Disse que o homem não

era bom para mim e para esquecer que eu já o vi. Ele saiu e eu fiquei lá. — A memória, o medo doente que havia pintado seu estômago, piscou de volta através dela. Ela estremeceu. — Sinto muito, Greydon. Eu sei que eu deveria ter procurado você imediatamente.

— Malditamente certo. Que diabos você estava fazendo naquele beco naquela hora da noite, afinal? Eu devia bater no seu traseiro! — Ele rosnou baixinho.

Ela se mexeu, roçando suas coxas nus.

Suas mãos seguraram sua cintura.

— Sente-se quieta, então o que diabos fazia?

Ela balançou a cabeça.

— Eu não sei. Eu não... Talvez eu pensasse que o outro homem estava certo. Ele poderia ter me matado, se quisesse, mas não o fez. Ele simplesmente saiu andando.

Ele pensou por um minuto.

— Será que você reconheceria-o novamente?

Ela pensou por um minuto e sacudiu a cabeça.

— Não. Estava escuro. Ele surgiu na noite. Eu vi o brilho da faca, vi as camisas brancas, os homens como relâmpagos, mas nada além disso, estava escuro e chovendo.

Ele não disse nada por um minuto, em seguida, se manteve ao lado da

cama. — Você faz algo tão estúpido de novo e você não será capaz de se sentar. — Ele golpeou sua bunda.

Ela pulou na picada de sua mão em seu bumbum.

Mas então ela tremia como um raio de luxúria bateu duro.

— Isso explica o medo, mas não a antipatia de prisões.

— Quantas pessoas gostam de prisões? — , Ela rebateu.

Ele esperou, esfregando o agulhão em sua parte inferior com a palma da sua mão.

Ela suspirou. — Ótimo. Depois do meu primeiro marido morrer, de causas naturais, a sua família amorosa me mandou prender pensando que eu tinha algo a ver com isso.

Ela sentiu seus músculos ficarem tensos desta vez.

— E você o matou?

Lorella começou a se mover para trás, mas ele segurou-a para ele.

— O quê? Que ... — , ela gaguejava. — Como você pode me perguntar isso?

Sua respiração soprou contra o rosto dela em sua expiração.

— Por que eles pensaram isso? Inferno, você não poderia machucar uma mosca.

Ela estreitou o olhar para ele.

— Eu poderia surpreendê-lo.

Aqueles olhos olharam para ela.

— Eles não gostaram do fato de que ele me deixou uma boa fatia do que meus enteados consideravam a sua herança. — Ela deu de ombros, apesar de velhas memórias de noites sombrias, frias, e ratos correndo afringiam seu cérebro. — Foram apenas dois dias e, em seguida, o juiz estava de volta a cidade e me deixou ir, sabendo que meu marido gostava de sua amante e foi aconselhado a não ser muito ativo por causa de seu coração. O homem não ouviu assim — Ela parou e sorriu. — Eu suponho que há poucas mulheres alegres com seus maridos que procuraram conforto em outras camas, também. Se não fosse por ela, eu poderia ter tido mais dificuldade em provar a minha inocência.

Ele balançou a cabeça, beijou a bochecha dela e fez sinal com o dedo para ela se virar. — Preciso de ajuda com as minhas botas.

Ela montou a perna e se inclinou, puxando sua bota. Ela tropeçou para a frente.

Ele deu-lhe a outra perna. Ela montou-o mesmo e olhou para ele por cima do ombro. Seus olhos não estavam nela, mas no traseiro dela.

— O que você está olhando?

— Você não tem idéia, querida.

Ela sacudiu a bota. Antes que ela pudesse se virar, ele a puxou para a cama e a beijava.

Ela perdeu-se no beijo.

Seu corpo, já o conhecia, estava dolorido de novo.

Ele passou as mãos para baixo dela, não como sedução, não como um jogo, mas com necessidade.

— Eu quero você — , disse ele contra a boca. — Eu quero provar sua doce vagina molhada até você gritar. — Ele a beijou duro, viajando pelo corpo dela. — E depois de você gozar na minha boca, querida, eu vou levá-la novamente, mas desta vez com meu pau. — Ele olhou para ela por entre suas coxas.

Não houve persuasão neste momento. Quando fez antes, ele havia quase que pedido. Desta vez, ele só exigiu.

Ele agarrou a parte de trás de suas coxas e as separou e puxou para cima. Ela foi exposta totalmente aberta para ele.

Ele inclinou-se e respirou fundo.

— Perfeita .

Ela estremeceu quando ele lhe deu uma longa lambida, depois outra. Sua língua dançou sobre o clitóris, depois longe, depois de volta. Ele brincou ao redor até que ela estava ofegante. Então ele lambeu dentro dela e ela gemeu.

— Oh sim.

Sua língua correu para dentro e para fora. Dentro. Fora. Então ele jogou a língua sobre seu clitóris e um primeiro e depois outro dedo longo

deslizou dentro dela.

— Meu trabalho — disse ele contra a sua presa, antes que seus lábios se fechassem sobre seu clitóris e sugasse forte, assim ele torceu fazendo-a gritar.

Os sentimentos não apenas se construíam. Eles colidiam.

Ele torceu o pulso novamente e chupou mais duro.

Ela gritou e arqueou, seu corpo quebrando na noite.

Sem dar-lhe um momento para pensar, ele subiu em seu corpo e agarrou os pulsos em uma mão.

Ele olhou em seus olhos, calado, e disse:

— Eu esperei por isso, por muito tempo maldito.

Ela sentiu ele na sua abertura. O sangue rugia em seus ouvidos do orgasmo que tinha rasgado através dela. No entanto, ela ainda queria, ainda tinha necessidade. Ela arqueou contra ele.

Ele posicionou-se em sua entrada e deslizou para o interior, centímetro por centímetro lentamente.

Ele assobiou um fôlego e uma oração.

Ele puxou quase todo o caminho pra fora e deslizou de novo o pau longo e duro dentro dela.

Ela suspirou, gemeu e fechou os olhos.

— Não, abra seus olhos. Olhe para mim, Lorella — , ele sussurrou

contra seus lábios quando ele a beijou, fazendo amor com sua boca, como ele fazia com seu corpo.

Sua língua dançava e deslizava em sua boca, assim como seu pau deslizava e se retirava de sua vagina.

— É tão bom — , ela sussurrou para ele, abrindo os olhos.

Ele sorriu para ela. — Esses lindos olhos que têm assombrado minhas noites e meus dias.

Ele empurrou para dentro dela, uma e outra vez, mais e mais, seus movimentos lentos e controlados.

— Greydon.

Ele riu. — Desta vez eu quero ver seus olhos quando você gozar. Eu quero ver você.

Greydon nunca tinha se sentido mais em casa. Sentado até o punho no fundo de sua vagina quente e úmida, ele suspirou quando ele deslizou novamente. Ela estava apertada e perfeita. Ele soltou seus pulsos e segurou seu rosto. E ela era sua.

Ele se moveu e mudou de ritmo, ângulos alterados para que cada impulso roçasse seu clitóris.

Ela arqueou contra ele, gemeu, e colocou os braços em torno dele.

Mais e mais rápido eles se moveram.

Ele chegou entre eles e pegou sua bunda, separando as nádegas. Ela

gritou, afundando as unhas em seus ombros.

Suas bolas apertaram contra seu corpo e ele sabia que não iria durar.

Ele rolou de costas, puxando-a para montá-lo, ainda juntos. Ela parou e esperou.

— Nunca fez dessa maneira, querida?

Seus seios subiam e desciam com cada respiração ofegante. Greydon inclinou-se e puxou um de seus mamilos perfeitos profundamente em sua boca.

Ele sentiu o aperto dos músculos interiores dela sugarem ele. Ele a sugou novamente, e novamente os seus músculos ondulavam ao longo de seu pênis.

Ele fechou os olhos e gemeu contra seu peito, mesmo quando ele continuava a penetrá-la.

Ela se moveu com ele, lentamente no início, depois mais rápido, mais difícil.

Ele deixou que ela tivesse o controle por um momento, desfrutando de seu abandono, mas então ele não pode agüentar mais.

Enfiou-se dentro dela, as mãos ainda segurando sua bunda. Cuidadosamente, ele deslizou os dedos ao longo do vinco do seu traseiro, sentiu-a tremer logo quando ele passou sobre a entrada escondida. Ele reuniu o creme de sua vagina e espalhou em torno de seu ânus. Por um instante, ela

congelou e olhou para ele.

Ele não desviou o olhar dela, nem suas estocadas, e apenas abrandou as curtas estocadas afiadas. Usando apenas as pontas dos dedos, tocou o anel de músculos de seu ânus. Sua boca se abriu em um silencioso gemido. Ela apertou o cerco contra ele, subindo alto e mais alto.

— É isso bebê. Goze para mim.

Ela começou a se mover, para montá-lo a sério.

— Oh Deus, Greydon. Oh, Deus, oh Deus, oh Deus, oh Deus. —

Ele apertou a ponta do seu dedo mínimo em sua entrada assim que empurrava profundamente.

Ela gritou e arqueou, apertando com tanta força, que seu orgasmo arrancou um grito de sua garganta.



Capítulo Cinco

Greydon observou a animação de Lorella e Moira na cozinha na manhã seguinte.

Os três hóspedes, apareceram no sofá pela manhã e Lorella estava lutando para atender às necessidades de todos. Ela continuou dando-lhe olhares como se quisesse que ele saísse.

Muito mal, droga.

Era melhor se acostumar a ele porque ele planejava ficar aqui por um longo tempo. Ele tomou um gole de café e observava a maneira como Moira ainda evitava dele. Ele perguntou qual era sua história. Ela só chegou aqui há alguns meses. Ela tinha alguns problemas que poderiam segui-la até aqui? Agora que Lorella estava se abrindo para ele, ele iria perguntar a ela sobre a jovem.

Ele não gosta da idéia que a tímida e tranquila Moira pudesse ter problemas que a seguissem, mas coisas estranhas poderiam ocorrer. Provavelmente era mais seguro perguntar a Lorella. Ele não sabia como abordar Moira sobre isso desde que ela era tão cautelosa como um animal ferido.

Lorella empurrou as portas, carregando as bandejas que ela colocou sobre o balcão, perto da pia. Moira bombeava a água da bomba para a bacia.

Lorella empurrou um fio de cabelo fora do rosto.

— Eles saíram todos para uma tarde de lazer, jogos de cartas, reuniões bancárias e de visitas para ver os amigos. — Moira olhou de Lorella para ele. — Bem, nesse caso, eu tenho alguns poucos assuntos para tratar sozinha, se você não se importa. Vou pegar esses quando eu voltar. — Lorella

abriu a boca para dizer algo, mas com um olhar de Greydon, fechou-a novamente e assentiu.

Lorella observava a menina se afastar. Só então outra pessoa dobrou a esquina. Um dos delegados do xerife. Ela suspirou. Ela só queria um momento a sós com Greydon. Ela estava pensando desde quando se levantou, e simplesmente não poderia estar fazendo isso. As pessoas começariam a falar mais cedo ou mais tarde.

Ela abriu a porta traseira antes que o homem tivesse a chance de bater. Ele tirou o chapéu.

— Senhorita Lorella.

Ela sorriu.

— Xerife — Ele acenou para Greydon. — Eu estava pensando ...

— Jones. Eu tenho dois sub-xerifes a mais se for necessário. Está alguém sangrando?

O funcionário abanou a cabeça.

— Não.

— Morto?

— Não.

— Roubo?

O jovem funcionário balançou a cabeça.

— Não, senhor. Eu só vim para ver se a senhorita Lorella gostaria de

ir ao baile comigo festival de outono na próxima semana.

O pobre homem parecia tão esperançoso que ela odiaria esmagá-lo.

— Eu... hum

— Ela não pode. — Greydon levantou-se da mesa. — Sub-xerife. Isso é tudo. — O rosto do pobre homem caiu. Ele olhou dela para Greydon, e depois voltou para ela.

Então o rosto do homem dividiu-se em um sorriso.

— Entendo. Bem, então. Acho melhor pedir a senhorita Samantha.

Lorella riu e abraçou o delegado jovem e impetuoso.

— Aqui, pegue alguns biscoitos. E se você quiser o meu conselho, leve algumas flores para ela se acontecer de você ver algumas.

— Em agosto, no Texas? — Perguntou ele, voltando-se com os biscoitos enrolados e colocando o chapéu de volta. — Talvez. Ou talvez eu só pegue algumas na casa da Sra. Maybel e darei a ela.

— Jones. Sra. Maybel irá, então, invadir o escritório exigindo que os ladrões de rosas sejam levados à justiça. Vá em frente e peça a garota.

Quando ele se foi, Lorella sorriu e disse:

— Bem, pelo menos eu era a primeira escolha.

Greydon franziu a testa.

— Eu estive pensando, Lorella. Eu não quero que os outros homens a convidem para sair. Não quero que eles ainda pensem que podem.

Ela tinha começado a mencionar que talvez essa idéia não era boa, mas silenciou para ver o que o homem tinha a dizer.

Ele respirou fundo e olhou para ela, sem dizer outra palavra.

Decidindo a provar ele, ela levantou uma sobrancelha e apoiou as mãos nos quadris.

— Então eu fui apenas um bom tempo, um encontro rápido, e agora você está me colocando pra fora

Ele agarrou seus ombros.

— Você não é uma puta maldita. Eu estava lhe pedindo para casar comigo mulher.

Ela sorriu.

— Você o que? Eu esqueci a pergunta em algum lugar.

Ele franziu a testa.

— Eu estou chegando a essa questão.

— Hmmm .

Ficaram ali, com as mãos sobre os ombros, ela sorrindo para ele, ele olhando para ela por alguns segundos. Então ele se inclinou e beijou-a na boca, suavemente, suavemente.

— Todo mundo realmente se foi?

Ela assentiu com a cabeça.

Ele suspirou.

— Bom.

Ele a pegou e girou, Colocando ela sobre a mesa. Sua mão estava sob sua camisa, em segundos, e ela só conseguia rir.

— Estou na mesa da cozinha!

Ele a beijou, continuou a beijá-la até que ela não conseguia respirar, não conseguia pensar. Tudo o que ela viu, tudo o que ela sentiu, tudo o que ela sabia era Greydon.

Sem saber exatamente como, ela se viu seminua, sua blusa e camisa aberta, a saia em torno de suas coxas e deitado sobre a mesa com Greydon de pé entre as pernas.

Ele se inclinou para o lado e colocou o dedo na torta que ele queria para o café da manhã.

— Hmmm.

Sorrindo para ela, ele trouxe o xarope cremoso em torno de uma auréola e depois a outra.

— Greydon Jefferies!

— Eu amo torta de pêssego — , disse ele inclinando-se para lambe seus seios. Ela só conseguia rir.

— Eu juro! Você tem um demônio dentro de você, às vezes.

Ele balançou as sobrancelhas.

— Você não sabe disso.

Ela se contorcia enquanto ele colocava uma outra porção de xarope de pêssego sobre o seu estômago. Ele inclinou-se e lambeu-o, em seguida, endireitou-se e beijou-a, cheio e quente na boca.

Ela lambeu os lábios, provou os pêssegos, e o açúcar.

— Você não disse que sim — ele disse a ela contra sua boca.

— Eu não fiz? — Ela se encolheu quando uma de suas mãos subiu em sua coxa.

— Não. Eu acho que eu deveria fazer você pagar por isso.

Ela suspirou quando seus dedos a encontraram e a penetraram. Ela fechou os olhos.

— O que você ia confessar em meu escritório? — Ele acalmou as mãos.

Lorella abriu os olhos e olhou para ele. Ela cobriu seu rosto com as mãos.

— Que eu tinha fantasiado sobre você por meses, desde que eu o vi pela primeira vez quando eu cheguei na cidade.

Um olhar inquisitivo surgiu em seu rosto. — Você fez?

Ela assentiu com a cabeça.

— Você tinha acabado de chegar montado no escritório do xerife e você desceu do seu cavalo. — Ela suspirou com a memória.

— Eu sou um tolo! — Ele murmurou. Ele se inclinou e beijou-a novamente, os dedos brincando sobre seu clitóris, circulando como ele gostava de jogar com ela. Sentiu a umidade própria, sentia o deslizamento liso de seus dedos.

Com um toque, um toque de seu dedo, uma torção do pulso, ele quebrou o beijo e caiu entre as coxas. Sua língua lambeu-a, prometendo, e insultando, trazendo para mais perto e mais perto. Ela arqueou para ele, gemendo e querendo mais.

Assim que o clímax estava à vista, ele se afastou dela e se levantou. Seu queixo brilhava com sua umidade. Ele rapidamente se libertou e fez uma pausa em sua abertura.

— Você não respondeu à minha pergunta. — Seus olhos escuros se abateram sobre ela.

Ela lambeu os lábios.

— Você fez uma pergunta?

— Não. — Ele sorriu e diminuiu apenas a ponta do seu pênis dentro dela. — Eu quero casar com você.

Ela sorriu e acenou com a cabeça.

— Eu esperava que sim, ou eu teria arrastado você para o altar.

Ele riu e empurrou para dentro dela.

Ela suspirou e acolheu-o, amando o deslizar dele quando ele

acariciava dentro e para fora, lento e fácil.

— Lorella.

Ela abriu os olhos e olhou para ele.

— Isso é o que eu considero comer à sua mesa.

Ela riu enquanto ele começava a empurrar mais e mais rápido e levou os dois para o pico.

Um demônio, de fato.

Fim